

O PARTICÍPIO PRESENTE NO PORTUGUÊS

The Present Participle in Portuguese

Alessandro Boechat de Medeiros*

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente tomada como adjetivo derivado de verbo, a forma terminada em *-nte* é produtiva em português. Aparentemente, os falantes podem criar novos adjetivos deste tipo simplesmente adicionando um sufixo adjetivador (*-nte*) a uma base verbal. O produto dessa combinação costuma expressar propriedade inerente¹ ou estado inconcluso, e pode ter como paráfrase uma oração adjetiva relativa. Por exemplo, um *filme comovente* é um *filme que comove* (um filme cuja natureza é tal que ele comove a platéia); um *animal agonizante* é um *animal que agoniza, está agonizando* (passando pelo estado de agonia).

Entretanto, corriqueiramente deparamos com inúmeros substantivos, com a mesma terminação, em que o parentesco morfológico com o verbo é transparente (por exemplo, *amante* [amar], *ajudante* [ajudar], *combatente* [combater], *absorvente* [absorver], *militante* [militar], *imigrante* [imigrar] etc.), com adjetivos e substantivos que não derivam de nenhum verbo em português (como *contente*, *inocente*, *gigante*, *paciente*)² ou que

* Doutorado em Lingüística, UFRJ.

¹ Na verdade, essa interpretação pode mudar dependendo do tipo de cópula/auxiliar usado no contexto predicativo. Por exemplo, eu posso dizer que o livro é emocionante ou que o livro (até agora) está emocionante. No primeiro caso, propriedade inerente (estado absoluto), no segundo, propriedade passível de mudança (estado transitório ou inconcluso).

² O adjetivo inocente, por exemplo, tem sua origem histórica no particípio presente do verbo latino *nocere* (ser prejudicial ou nocivo), que não existe em português. O verbo desapareceu, mas a forma “participial” adjetiva permaneceu. Assumo aqui, portanto, que os verbos inocentar, contentar etc. são verbos derivados dos adjetivos inocente, contente etc. (tornar/fazer [alguém] inocente, contente etc.), e não o oposto.

possuem significados longinquamente (quando muito) aparentados aos significados dos verbos dos quais elas teriam derivado – por exemplo, o substantivo *corrente*,³ que parece derivar do verbo *correr*, mas cujo significado não parece estar relacionado ao do verbo.

Tomando como base os itens arrolados acima, é possível estabelecer uma simples divisão entre eles, tendo em vista sua classe gramatical e sua base derivacional. Quanto à classe, os itens podem ser substantivos ou adjetivos; quanto à base, podem ser derivados de verbos ou não. Como mostra a Tabela 1 abaixo:⁴

(1)	Verbais	Não-verbais
Substantivos	<i>ajudante, militante etc.</i>	<i>gigante, docente etc.</i>
Adjetivos	<i>comovente, vivente etc.</i>	<i>inocente, paciente etc.</i>

Adotando o modelo teórico da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ (1993, 1994), MARANTZ (1997, 2001)), é possível explicar de maneira elegante a composição semântica destes itens, além de como o mesmo material fonológico (a sequência /nt/ mais a vogal temática /e/) pode aparecer tanto em adjetivos (*atraente, corrente* ou *crescente*) quanto em substantivos (*desinfetante, concorrente* ou *acompanhante*). Basicamente, o que defendo aqui é que o expoente /nt/ realiza, nos itens verbais da tabela, não morfemas de classe de palavra (adjetivo ou substantivo), mas, como no latim,⁵ um nó aspectual (imperfectivo) responsável pela leitura freqüentemente durativa (ou habitual) do evento/estado denotado pela base verbal. Para os itens não-verbais, muitos deles derivados diacronicamente de verbos latinos, proponho que o material fonológico /nt/ não realiza nó funcional algum – é, antes, na maioria dos casos, parte do material fonológico das raízes de itens como *docente* ou *paciente*.

O texto tem a seguinte organização. A seção 2 apresenta um esboço bastante econômico da teoria da Morfologia Distribuída (daqui para diante, MD), além de algumas razões para a escolha deste modelo. A seção 3 e suas subseções apresentam várias estruturas sintáticas que tentam dar conta das muitas diferenças entre os itens da Tabela 1 acima. Na seção 4, trato dos casos não verbais; na seção 5, apresento minhas conclusões.

³ O objeto que serve para acorrentar, não a corrente elétrica ou a corrente filosófica.

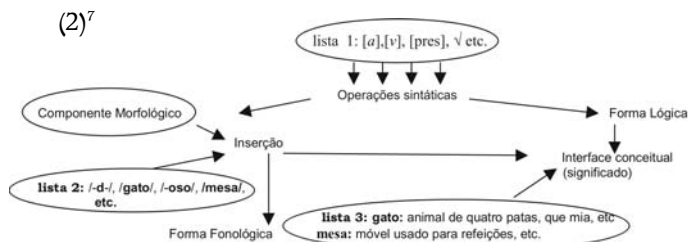
⁴ Não incluímos nesse estudo as preposições (?) durante, mediante, consoante etc., nem o advérbio bastante.

⁵ Ver Embick (2000).

2 A BASE TEÓRICA

2.1 ESBOÇO DA TEORIA

Em linhas gerais, a arquitetura separacionista⁶ da MD se baseia em três listas – a lista 1, ou *Léxico Estrito*, a lista 2, ou *Vocabulário*, e a lista 3, ou *Enciclopédia* (MARANTZ, 1997) –, e em três propriedades – a subespecificação dos itens do Vocabulário, a inserção tardia (pós-sintática) dos mesmos e uma certa continuidade entre estrutura sintática e estrutura morfológica, com a estrutura sintática definindo os domínios de aplicação de regras puramente morfológicas e fonológicas a seus nós. O esquema 2 a seguir (HARLEY; NOYER, 1999) permite visualizar a interação dos componentes da gramática neste modelo:



Aqui, a Lista 1 fornece as raízes atômicas⁸ e os feixes atômicos de traços morfossintáticos⁹ com os quais o sistema computacional operará, *juntando (concatenando) e movendo (deslocando)*. A computação começa com uma *numeração*, uma pré-seleção dos feixes e marcação de posição para raízes (dentre os elementos da lista 1) que serão usados na derivação

⁶ Halle e Marantz (1994, p. 2): “a realização fonológica de uma sentença é separada dos princípios que determinam as estruturas básicas dos traços semânticos, sintáticos e morfológicos na sentença”.

⁷ No esquema, a e v são morfemas/traços categorizadores (de adjetivo e verbo, respectivamente); √ é um “container” que recebe raiz fonológica na inserção; [pres] é o morfema/traço de tempo presente etc.

⁸ Na verdade, se assumimos uma posição forte em relação à inserção tardia, o léxico estrito não fornece raízes, mas containeres para as raízes, que serão inseridas, de fato, após as operações morfológicas (MARANTZ, 1999). Para uma visão contrária, em que as raízes saem da lista 1 com conteúdo fonológico, ver Embick (2000) e Embick e Halle (2004).

⁹ Os traços morfossintáticos usados por uma determinada língua constituem um subconjunto do alfabeto de traços disponibilizado pela Gramática Universal. Os feixes de traços são combinações particulares desses traços que as línguas fazem.

sintática. Durante a derivação, a informação contida nos nós resultantes das operações sintáticas é mandada¹⁰ para a Forma Lógica (FL) e para o componente morfológico do sistema computacional (EM – *Estrutura Morfológica*, que faz a interface entre sintaxe e fonologia). No componente morfológico, outro conjunto de operações se aplica sobre os nós sintáticos, criando novos nós, apagando alguns, movendo, copiando traços etc. Os nós que resultam das operações morfológicas sofrem então o *spell-out*: isto é, nesse momento se dá a inserção dos itens do Vocabulário (fragmentos fonológicos contendo informação sintática e semântica necessária a sua inserção) que vão realizar os nós terminais da sintaxe/morfologia. A inserção dos itens do Vocabulário baseia-se em uma competição entre eles (Princípio do Subconjunto, HALLE, 1997), com o item contendo maior número de traços pareáveis com os traços do nó terminal sintático/morfológico ganhando a competição e sendo inserido. Depois da inserção dos itens do Vocabulário, as expressões são enviadas para a interface conceitual, e a informação contida na terceira lista, a *Enciclopédia*, é acionada. É na Enciclopédia que os itens do Vocabulário são relacionados a sentidos, levando em consideração o contexto sintático em que estão.

Para fechar esta breve apresentação, é importante salientar duas coisas que talvez não tenham ficado claras nos parágrafos anteriores. A primeira é que, apesar de haver um nível morfológico específico, a Morfologia Distribuída defende que a formação de palavras não está concentrada em um único componente da gramática; está, antes, “distribuída” (daí seu nome) entre vários componentes distintos: na sintaxe, através de operações que combinam traços sintático-semânticos e raízes, e nos componentes morfológico e fonológico, através de regras bastante particulares e dependentes de contexto. Em segundo lugar, a arquitetura (ver esquema 2) não admite que traços sintático-semânticos sejam introduzidos na derivação após ela ter chegado à Estrutura Morfológica: toda a informação relevante para a computação já tem que ter sido inserida nos nós terminais antes que os seus produtos cheguem a essa interface. Uma versão da *Condição de Inclusividade* adaptada à teoria.

¹⁰ Em ciclos ou fases, na versão da teoria que assumimos aqui. Ver Marantz (2001) e Arad (2002). Adiante explicaremos resumidamente essa proposta.

2.2 POR QUE A MD?

Três razões justificam minha opção pela MD em detrimento de modelos lexicalistas como o Minimalismo à Chomsky (1995) ou a teoria GB.

A primeira é um argumento contra a própria Hipótese Lexicalista. Desde o início dos anos 70,¹¹ as afirmações de que “a sintaxe nem manipula nem tem acesso à forma interna das *palavras*”¹² e de que a *palavra* é o local de variados tipos de idiossincrasia estão na base do pensamento lingüístico dominante. Entretanto, essa posição apresenta uma grande e fundamental dificuldade: como definir teoricamente a noção de *palavra*? Marantz (1997) nos mostra que os domínios de aplicação de “regras fonológicas lexicais”, de significados especiais (idiossincráticos) e de correspondências aparentemente especiais entre estrutura e significado, que deveriam, assumindo a Hipótese Lexicalista, coincidir na *palavra*, **não coincidem nela**¹³ – de fato, nem sequer têm correlação exata um com o outro. O que nos leva a perguntar se essa noção não seria artificial e inadequada para fundamentar uma teoria da gramática.

A segunda razão é a seguinte. Do que vimos acima, o modelo não lexicalista da MD tem a vantagem de não precisar de operações lexicais especiais (do tipo *assemble features*, como em CHOMSKY, 1997), por exemplo) diferentes das operações sintáticas de *juntar* e *mover* (CHOMSKY, 1995); nem de princípios que relacionem estrutura morfológica e estrutura sintática, como o *princípio do espelho* (BAKER, 1985); nem de coisas como os *templat*os de estrutura de evento propostos por Levin (1999), que representam o componente estrutural dos significados dos verbos, e fazem uma ligação entre léxico e sintaxe.¹⁴ Não seria, portanto, a MD uma teoria mais econômica que os modelos que fazem uso desses aparatos?¹⁵

¹¹ Chomsky (1972)

¹² Anderson (1998).

¹³ Fonológica e morfológicamente, as “palavras” muito freqüentemente não coincidem com os itens lexicais, e a estrutura sintática não é idêntica à estrutura prosódica em nenhum nível, inclusive no da “palavra”. Significados especiais, idiossincráticos, muito freqüentemente estão associados a unidades maiores do que a “palavra” (expressões idiomáticas como chutar o balde, por exemplo), e “palavras” complexas têm seus significados comportadamente derivados dos morfemas que as compõem.

¹⁴ Para uma crítica a essa proposta, ver Marantz (2003).

¹⁵ Alguns diriam: mas a MD substitui o léxico por TRÊS listas, e propõe inúmeras operações morfológicas para consertar os desajustes entre as saídas da sintaxe e as formas encontradas na língua! Em primeiro lugar, quanto às três listas, elas nada mais são do que listas de informações que, em sua grande maioria, os itens lexicais de teorias lexicalistas já possuem. A única diferença aqui é que as informações são separadas e acessadas em momentos diferentes da derivação. Quanto às operações morfológicas, boa parte delas, como a cópia e os movimentos de núcleo, já existe, em sua essência, nas teorias lexicalistas. As novidades talvez sejam fusão e fissão, que são soluções mais marginais. Em geral, assume-se que, no caso *default*, há continuidade entre a saída da sintaxe e a da morfologia.

A terceira razão é que a MD permite um excelente tratamento para formas (subespecificadas em termos de traços morfossintáticos) como a terminação *-do* do “particípio passado” no português, que aparece em diversos contextos sintáticos: tempos verbais compostos, voz passiva, adjetivos, substantivos etc. Assumindo que existe um item /d/ que realiza, por ser subespecificado, núcleos flexionais diversos (podendo perder a competição por inserção quando há itens mais especificados que ele), explicamos de maneira elegante sua aparição em contextos tão variados quanto os mencionados acima. Além disso, esse item pode ter vários alomorfes, cuja inserção será definida também pela informação contextual. Por exemplo, certas raízes não aceitam o item *default* /d/ para a realização dos núcleos de aspecto ou de voz passiva (ou de ambos); elas selecionam /t/ ou /s/ nestas situações. Como os casos tratados a seguir se assemelham aos mencionados neste parágrafo, nada mais natural do que trabalhar com a MD neste pequeno estudo.

3 ESTRUTURAS SINTÁTICAS

Nas próximas subseções, proponho um conjunto de estruturas que visam a dar conta das diferenças entre os itens deverbais da Tabela 1 da introdução. A subseção 3.1 estuda os adjetivos. A subseção 3.2 estuda os substantivos, e propõe uma análise para casos aparentemente não verbais (*comediante*, *farsante*, *feirante*, para os quais não existem verbos: **comediar*, **feirar*, **farsar* etc.), mas que têm interpretações verbais (o *comediante* é aquele que “faz comédia”, como profissão). Neste momento do texto, sugiro regras de inserção para os itens do Vocabulário (a sequência fonológica /nt/, por exemplo), contemplando todos os casos estudados até então.

3.1 ADJETIVOS DEVERBAIS

Tomemos os exemplos abaixo:

- (3) *agonizante, atraente, atuante, comovente, cortante, alarmante, emocionante, corrente, atordoante, convincente, claudicante, dominante, adejante, acachapante, aliviante, acariciante, aviltante, cativante, instigante, cadente, dormente, vivente, morrente, crescente, movente, vacilante* etc.

Uma breve apresentação de algumas propriedades de adjetivos como os arrolados em (3) pode ser esboçada aqui. Em primeiro lugar, ao contrário das formas adjetivas do particípio passado, passivas por nature-

za, no particípio presente os SDs (sintagmas determinantes) modificados ou descritos por esses adjetivos são sempre interpretados como *sujeitos* dos verbos de que esses adjetivos derivam. Tanto verbos transitivos quanto inacusativos podem servir de base para as formas arroladas acima.

Outra coisa relevante a ser dita sobre as formas adjetivas *-nte* deverbais é que, mesmo quando derivadas de verbos que expressam eventos ou processos com causação externa, elas normalmente não admitem interpretação agentiva para os SDs descritos ou modificados por elas. Na verdade, preferem, muito freqüentemente, combinar-se com SDs que denotam entidades inanimadas.¹⁶

Do ponto de vista morfológico, ao contrário de outros adjetivos no português, as formas *-nte* aparentemente não têm marca de concordância de gênero com seus SDs. A única concordância *visível* é de número (por exemplo, *genes dominantes*).

3.1.1 Análises

Para explicar o fato de que os SDs ligados a esses adjetivos são quase sempre interpretados como sujeitos dos verbos de base, vou assumir que há, “dentro” dos itens de (3), um sintagma verbal (Sv), projetando posições para seus “argumentos”. Esse sintagma é formado pela concatenação (*merge*) de um sintagma raiz com um núcleo *verbalizador* (o *vezinho*) que, entre outras coisas, converte uma raiz categorialmente neutra numa raiz verbal.¹⁷ O *vezinho* é um feixe (ARAD, 1999, EMBICK, 2000) que pode conter traços como o de eventividade/estatividade, agentividade etc.¹⁸ No caso dos itens de (3) baseados em verbos transitivos, por exemplo, o *vezinho* é um feixe que projeta posição de especificador, onde o SD é interpretado. Assumindo a matriz de Embick (2000) (ver nota 18), o v, nesse caso, contém, pelo menos, o traço [+Ext], que projeta posição para o “argumento externo” da estrutura verbalizada. Talvez o *verbalizador* envolvido em (3) seja também

¹⁶ Por exemplo, não é possível dizer o *rapaz corrente (o rapaz que corre), mas não há problema em dizer água corrente. É claro que isso não é sempre assim. A semântica de alguns verbos vai preferir SDs animados, sempre.

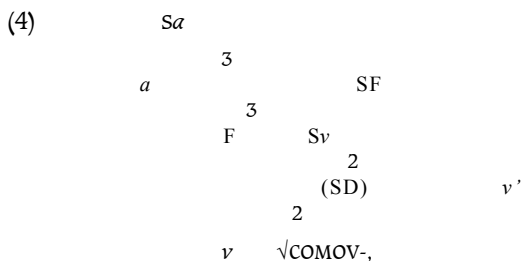
¹⁷ Estamos assumindo, seguindo Marantz (1997), que as raízes são categorialmente neutras. Neste ponto, é importante observar que a concatenação de raiz e v não forma um verbo: em português e outras línguas românicas, verbos, morfológicamente, são a combinação de raízes verbais (raiz +v) e núcleos flexionais (OLTRA-MASSUET, 1999). Em português, raízes verbais não são sequer pronunciáveis sem suas desinências, ao contrário do inglês, por exemplo.

¹⁸ Por exemplo, Embick (2000) propõe que o *vezinho* seja um feixe de traços que combina [+AG], [-AG], [+Ext] e [-Ext]. Raízes de verbos agentivos/transitivos como construir, por exemplo, seriam licenciadas como complemento do v {[+AG], [+Ext]}, que projeta posição de argumento externo e para o qual o SD que ocupa essa posição é interpretado como agente. Raízes associadas a verbos inacusativos, por exemplo, seriam licenciadas no complemento de {[-AG], [-Ext]}.

um feixe [-AG]. Essa escolha de traços explicaria por que, muito raramente, os SDs associados a esses adjetivos são agentes dos eventos denotados por eles. Mesmo quando o verbo aceita, em outros contextos, SDs denotando seres animados e agentes, no contexto desses adjetivos os mesmos SDs não são, geralmente, permitidos.

Vou assumir também (como o fazem IPPOLITO, 1999) para o italiano e MARVIN, 2002) para o esloveno) que, no português, dado um *v* na *Numeração*, pelo menos um núcleo/traço flexional (de aspecto ou tempo) tem que ser dado também.¹⁹

Sendo assim, a estrutura *sintática* mínima para um adjetivo como *comovente* deve ser:



onde F é um núcleo flexional (aspectual) e *a* é um núcleo sintático adjetivador (MARANTZ, 1999, 2001).

Na estrutura (4) acima, proponho que F albergue um traço de aspecto, [imperfectivo]. Esse traço teria relação com a interpretação durativa (não concluída) ou habitual normalmente associada aos eventos/estados contidos no adjetivo. Podemos pensar que o traço [imperfectivo] faz com que o tempo do evento denotado pela estrutura verbal abaixo dele seja interpretado como *contendo* um tempo de referência não fixo ($t_R \subseteq t_e$). Isso significa que o evento (ou estado) dura (ou repete-se por) um intervalo de tempo que pode conter o tempo da fala (o *speech time*) ou outro tempo/intervalo denotado na frase.

¹⁹ E, de fato, muitos substantivos e adjetivos deverbais têm marcas aspectuais bem visíveis. Por exemplo, o -d- em (dar uma) batida, (perfectivo, IPPOLITO, 1999), ou em (ficar) sentida (perfectivo/resultante); ou o -t- em administrativo (imperfectivo?) e, também, talvez, em cassação (onde alguma regra fonológica converte /t/ em /s/) e produto (ambos perfectivos). Mesmo alguns substantivos derivados de verbos, mas sem marcas aspectuais tão visíveis quanto essas, têm uma leitura que leva em conta o aspecto. Por exemplo, o substantivo fuga é o evento de fugir visto como um todo (perfectividade). Se simplesmente assumíssemos que os adjetivos deverbais fossem formados por um sufixo de adjetivo diretamente ligado a um radical verbal, teríamos que supor pelo menos dois tipos de sufixos adjetivadores: um com aspecto perfectivo e passivo, como em emocionado; outro ativo e, como proponho a seguir, imperfectivo, como em emocionante. Isso aumentaria desnecessariamente número de itens da lista 1.

Na estrutura (4) também proponho que um adjetivador sintático, fonologicamente nulo, seja concatenado com o sintagma flexional SF. Sob esse morfema, na EM (HALLE; MARANTZ, 1994), um nó de concordância é inserido, copiando traços de gênero e número do SD modificado pelo adjetivo.

Observe-se que é possível explicar a interpretação normalmente ligada às formas *-nte* de (3) a partir dos elementos de composição acima. Por exemplo, tomemos algumas raízes associadas a verbos psicológicos com causação externa, como *comover*, *emocionar*, *empolgar* etc. A primeira concatenação se dá entre raiz e verbalizador. Depois, um SD²⁰ é concatenado como especificador do Sv. Esse SD é interpretado, normalmente, como causador do evento, dadas a natureza semântica da raiz (a essa altura, *verbal*) envolvida e a posição dele dentro do Sv. O sintagma verbal é, então, combinado com o núcleo aspectual (imperfectivo), e a estrutura assim formada denota um evento, externamente causado, interpretado *durativa* ou *reiterativamente*. Quando o adjetivador é combinado à estrutura verbal, causar o evento denotado pelo verbo interno durante um intervalo de tempo (ou repetidas vezes) passa a ser interpretado como propriedade do SD, que é, assim, “descrito” pelo adjetivo.

Portanto, nessa visão, a única parcela semanticamente idiossincrática é a que diz respeito ao significado da raiz no contexto verbal mais interno (se é de causação externa ou não e que estado psicológico particular ela denota). Tudo que é combinado à estrutura verbal só contribui *composicionalmente* para o significado total do adjetivo. A análise acima está em consonância com as propostas encontradas em Marantz (2001)²¹ para a formação de palavras. No texto, resumindo, Marantz propõe que a derivação de palavras se dê por *fases*,²² com o *spell-out* acontecendo a cada anexação de morfema categorizador (*n*, *v* ou *α*) a uma estrutura. Na primeira anexação de morfema categorizador, digamos *v*, à raiz, o significado (idiossincrático) dessa raiz e sua pronúncia são especificados; a partir daí, tudo que for concatenado com *v* tem que levar em consideração significado e pronúncia já negociados na fase Sv (impenetrabilidade da fase) e só vão contribuir *composicionalmente*. Exatamente o que acontece acima. Em *comovente*, por exemplo, a parte idiossincrática é a que diz respeito ao significado do composto de raiz e *vezinho*; o núcleo aspectual e o adjetivador contribuem sem causar mudança na interpretação do verbo *comover*, mais baixo na árvore.

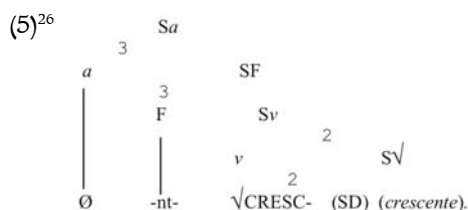
²⁰ Ou um PRO, posteriormente controlado por um SD, ou uma variável.

²¹ Para aplicações e defesa dessas propostas, ver Arad (2002) e Marvin (2002).

²² Chomsky (1998, 1999 e 2001).

O que nos resta esclarecer agora é a questão da concordância. Vou assumir que o português possui uma regra morfológica²³ que insere um núcleo de concordância nominal²⁴ sob o morfema adjetivador. Esse nó “busca” no SD modificado pelo adjetivo os traços de gênero e número para copiá-los. Vamos então supor que, após todas as operações morfológicas, os itens do Vocabulário a serem inseridos no nó de concordância dos adjetivos em (3) sejam o \emptyset para os pares [+feminino, -plural] e [-feminino, -plural] e o /s/ para os feixes com o traço [+plural]. Isso explica a aparente falta de marca de concordância de gênero nesses adjetivos.²⁵

Os itens em (3) derivados de verbos inacusativos terão a estrutura (5) abaixo, onde o SD (ou PRO controlado por um SD) associado é interpretado como complemento da raiz. Uma diferença em termos de traços sintáticos envolvidos é o fato de que o feixe *vezinho*, mais uma vez assumindo a matriz de Embick, seria [-Ext], e, portanto, o Sv não projeta posição de especificador para um “argumento externo”. Alguns exemplos tirados de (3) são: *cadente*, *morrente*, *crescente*, *vivente* etc.



Na seção a seguir tratarei dos substantivos *-nte* deverbais. Como se verá, eles, em geral, denotam os sujeitos de seus verbos de base, sejam esses verbos transitivos ou intransitivos.

²³ Halle e Marantz (1994).

²⁴ Esse nó sempre copia traços de gênero e número, mesmo que algum desses traços não tenha realização fonológica. A alternativa (que é bastante ruim, pois, com ela, se perde uma generalização importante) é supor que a concordância dos adjetivos *-nte* (idiossincriticamente) não copia traço de gênero.

²⁵ Também assumimos aqui que o item do Vocabulário /e/ em (4) realiza um nó temático inserido (sob α) por uma operação da EM (OLTRA-MASSUET, 1999). Vogal temática, nessa visão, não tem conteúdo semântico nem função sintática.

²⁶ Coloquei alguns itens de Vocabulário (e omiti outros) nesta árvore só para ilustrar onde eles são inseridos. As árvores (4) e (5), de fato, só representam as estruturas sintáticas dos itens de (3). As peças vocabulares são inseridas (ver seção 2.1) somente depois de todas as operações da EM, na fase correspondente da derivação.

3.2 SUBSTANTIVOS DEVERBAIS

Sem fazer muito esforço de memória, é possível montar uma lista razoavelmente grande de substantivos deverbais terminados em *-nte*:

- (6) *absorvente, acompanhante, adoçante, ajudante, alvejante, amante, assaltante, assistente, atacante, atendente, calmante, concorrente, comandante, combatente, conservante, dependente, depoente, descendente, desinfetante, dirigente, estudante, escrevente, fertilizante, falante, ficante, gerente, governante, imigrante, militante, navegante, obstruinte, oponente, penitente, pisante, presidente, pretendente, regente, repelente, representante, retirante, servente, vigilante, visitante.*

Todos os itens em (6) são substantivos que denotam os sujeitos de seus verbos internos: o *absorvente* é o objeto que *absorve* (utensílio de higiene); o *acompanhante* é alguém que *acompanha* (em uma ocasião social, por exemplo); o *comandante* é a pessoa que *comanda* (militar); o *falante* é a criatura sobre a face da Terra que *fala* (é capaz de falar); o *desinfetante* é o produto químico que *desinfeta* (mata os germes).

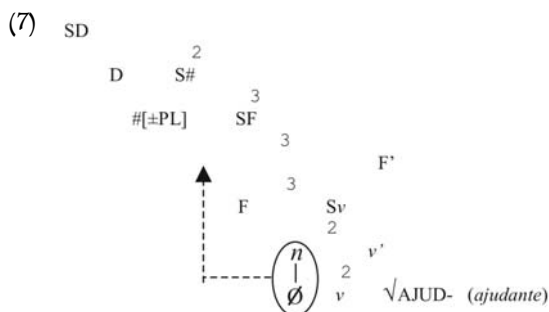
Da mesma forma que os adjetivos deverbais *-nte*, os eventos denotados pelas estruturas verbais que compõem esses substantivos são, com frequência, interpretados reiterativamente. Por exemplo, o *ajudante*, o *assistente*, o *comandante* e o *combatente* são pessoas cujas, digamos, “profissões” são, respectivamente, *ajudar*, *assistir* (auxiliar administrativamente), *comandar* (dentro da hierarquia militar) e *combater* (enquanto o conflito dura); *absorventes*, *adoçantes* e *desinfetantes* *absorvem*, *adoçam* e *desinfetam* **sempre** que usados; o *amante* é aquele com quem se tem encontros amorosos com certa frequência.

3.2.1 Análises

Tendo em vista a interpretação inconclusa/habitual dos eventos ou estados que compõem a semântica dos itens em (6), proponho que o traço aspectual envolvido na estrutura deles seja o mesmo [imperfectivo] presente nos adjetivos de (3).

Para dar conta do fato de que esses substantivos são sempre interpretados como sujeitos dos verbos que os compõem, seguirei Marvin (2002), que, para nomes agentivos no esloveno, propõe que um núcleo nominalizador (*enezinho*) seja combinado como especificador do sintagma verbal de

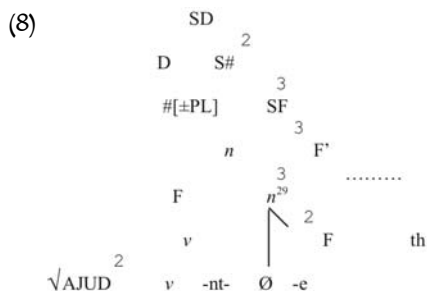
que deriva o substantivo. A estrutura verbal assim formada é concatenada com o núcleo aspectual e o sintagma flexional gerado nessa concatenação é combinado com um *sintagma número* (chamemo-lo de $S\#^{27}$) cujo núcleo é um traço de número e que, aqui, cumpre também a função de “nominalizar” a estrutura verbal formada abaixo dele.²⁸ A árvore em (7) explicita a idéia:



Para que os morfemas sejam linearizados de modo que reflitam o que encontramos na língua, um conjunto de operações se aplica. A primeira delas é o movimento de n para a posição de especificador (como no esquema acima) do SF. Isso acontece devido à necessidade de checar/valorar o traço EPP enfeixado a este núcleo, e se dá ainda na sintaxe, antes de a derivação chegar à EM. Na EM, acontecem as concatenações morfológicas (*morphological merger*), que envolvem movimento de núcleo. A primeira concatenação é a que adjunge o complexo raiz+v ao núcleo aspectual F; a segunda é a que adjunge raiz+v+F a n . Com isso, a estrutura morfológica desses nomes é a (8) a seguir:

²⁷ Embick (2005).

²⁸ Estruturas verbais com núcleos flexionais são constantemente nominalizadas em português por processo semelhante. Por exemplo, quando dizemos *cantar me faz bem*, aparentemente o que acontece é que um verbo no infinitivo (com o nó flexional [-finito]) entra num contexto em que é interpretado sintaticamente como substantivo. Possivelmente, um $\#[\pm PL]$ (ou um D) fonologicamente nulo, c-comandando o SF infinitivo, cria o contexto necessário à interpretação nominal.



e, morfologicamente, temos um substantivo, com *n* dominando a estrutura.³⁰

Não estou certo quanto à natureza do verbalizador envolvido nessas construções. Certamente, o feixe é [+Ext]. Quanto ao traço de agentividade, não sei dizer que sinal ele tomaria na matriz. Os exemplos não esclarecem muito quanto a isso, tomando como base uma gama muito variada de verbos, desde verbos mais agentivos como *assaltar* ou *militar*, até os nada agentivos como *descender*. Nesse ponto, a análise precisa ser refinada. Não acredito, entretanto, como se verá a seguir, que os traços do feixe *v* tenham relevância para a inserção do item de Vocabulário /nt/ no nó F da estrutura desses substantivos. E essa é, a meu ver, a principal questão deste pequeno trabalho.

Há ainda um grupo de substantivos *-nte* deverbais que gostaria de discutir aqui. Vejamos os exemplos (9):

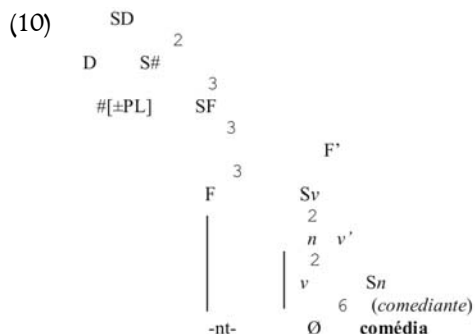
(9) *comediante, comerciante, farsante, feirante* etc.

Em (9), os substantivos têm interpretação eventiva,³¹ com o evento sendo interpretado reiterativamente. O problema é que os verbos correspondentes não existem no português: **comediar*, **feirar*, **farsar* etc. Para dar conta desses casos, proponho a seguinte estrutura:

²⁹ Na EM, como no caso dos adjetivos, um nó de vogal temática é inserido sob *n*.

Imagino que os substantivos agentivos terminados em –dor tenham uma estrutura parecida com a sugerida para os substantivos –nte deverbais, com –d- realizando um núcleo/traço aspectual e –or realizando o n gerado na posição de especificador de Sv. A diferença que me parece mais clara entre os dois tipos de substantivos é que nos terminados em –dor, que normalmente denotam agentes, o v certamente é [+AG].

³¹ O *comediante* é aquele que *faz* comédia; o *comerciante* é aquele que *faz* comércio etc.



Em (12), o *Sv* significa algo como: *n* “fazer” o *Sn* (**comédia**) mais baixo. Quando o traço [imperfectivo] combina-se com o *Sv*, a atividade “fazer o *Sn*” é interpretada como habitual, como uma profissão. Nessa estrutura, o *v* representa o verbo leve *fazer*, que, no contexto, é realizado pelo item do Vocabulário Ø e, na estrutura morfológica, o *Sn* mais baixo é adjungido (concatenado) a ele. As mesmas operações morfológicas representadas em (8) se aplicam aqui para derivar a forma final do substantivo.

Considerando tudo que foi apresentado até o momento, proponho as seguintes regras de inserção para os expoentes fonológicos nos nós sintáticos/morfológicos das estruturas acima.

3.2.2 Itens do Vocabulário para o nó flexional F

Regras de inserção dos itens do Vocabulário em F:

(11) /nt/ ↔ [imperfectivo]/ [gênero]³² c-comandando (imediatamente) F.

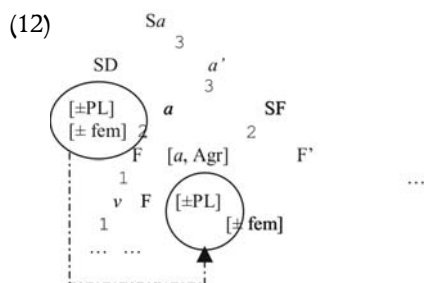
/nd/ ↔ [imperfectivo]³³

/d/ ↔ []

³² O traço realmente definidor, a meu ver, é o de gênero, uma vez que o de número aparece também em contexto verbal, onde, suponho, será inserido outro item. Ver continuação da regra 11.

³³ Ainda haveria outros itens do Vocabulário associados ao imperfectivo, como o /v/ em *cantava*, por exemplo. Este item realizaria, na verdade, o feixe que reúne os traços [passado] e [imperfectivo].

Como se vê, /nt/ é, nessa proposta, o item que realizará o aspecto *imperfectivo* nos ambientes nominais, onde há traço de gênero. No caso dos adjetivos, esses traços são copiados de um SD num nó de concordância (um feixe) adjungido ao núcleo *a*, como no esquema da estrutura morfológica apresentado abaixo:



Aqui, vemos que o nó de concordância, com traços de gênero e número, c-comanda o núcleo aspectual F. Nesta configuração, de acordo com (11), o item inserido é /nt/. Notar que o contexto sintático da árvore (8) também atende à condição estrutural para inserção de /nt/, uma vez que o irmão de F' é *n*, cujo feixe de traços também é um portador do traço de gênero.

As regras de inserção (11) propõem que /nd/ seja a realização *default* do aspecto imperfectivo (progressivo). Ou seja, é nos ambientes verbais (por exemplo, o traço aspectual c-comandado imediatamente por um núcleo de tempo), e não nos nominais, que ele será inserido. A última regra propõe que /d/ seja o realizador *default* de qualquer traço aspectual (Flexional) no português,³⁴ nas formas compostas.

4 ADJETIVOS E SUBSTANTIVOS NÃO VERBAIS

Os dois últimos grupos de que trato neste pequeno estudo reúnem substantivos e adjetivos que parecem não ter ligação com verbo algum existente no português ou, quando os verbos existem, parecem não ter conexão semântica com eles. Vejamos os exemplos a seguir:

³⁴ Ver Ippolito (1999), para o italiano, e Medeiros (2004), para uma proposta semelhante em português.

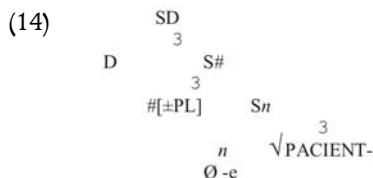
- (12) Substantivos: *gigante, corrente, ambulante, docente, coeficiente, paciente* etc.
- (13) Adjetivos: *competente, coerente, elegante, galante, paciente, clemente, decente, inocente, contente* etc.

Gigante, por exemplo, que significado verbal teria? A *corrente* não é algo que, necessariamente, corre ou serve a essa finalidade. O fato de uma pessoa competir não a torna *competente*. Que verbo “faz” alguém ser *decente*? E *clemente*?

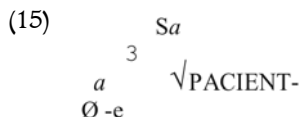
Em vista disso e das análises propostas anteriormente, a pergunta que se coloca é: é possível, como foi feito nas seções acima, separar, nos itens de (12) e (13), raízes (que aparecem em ambientes verbais) de uma seqüência fonológica (/nt/) associada à informação aspectual? Ou será que, nesses casos, a raiz do adjetivo ou substantivo é tal que a seqüência /nt/ é parte dela?

Nos itens de (12), é muito difícil crer que os falantes do português, hoje, isolem de palavras como *clemente* uma raiz √CLEM-, a qual se combina o /nt/ realizando um núcleo funcional qualquer. Em que outro contexto essa raiz aparece? O mesmo raciocínio vale para *paciente* (cuja origem Latina é a palavra *patiens -entis*, particípio presente de *patior* [sofrer; ser passivo]), para *competente* (do verbo latino *competo* [buscar simultaneamente]), e assim por diante. No caso de *paciente*, por exemplo, qual seria a raiz? √PAT-? Em que outro contexto seria encontrada? Em *patológico* ou *patologia*? Quantos são os falantes do português que conhecem essas palavras? Quais os que veriam alguma relação entre elas e *paciente*? Muito mais provável é que palavras como *paciente* ou *clemente*, originalmente formas participiais de verbos latinos, tenham sido re-analisadas por gerações de falantes. Com o desaparecimento dos verbos latinos correspondentes, os significados verbais originais dos particípios perderam-se com eles, ainda que as palavras *-nte* tenham sobrevivido como adjetivos e substantivos. No caso do substantivo *paciente*, por exemplo, o que há, hoje, para provavelmente a grande maioria dos falantes do português moderno, é uma raiz cujo material fonológico é constituído não só pela raiz do verbo latino original, mas também pelo expoente fonológico /nt/ que realizava a flexão de particípio presente.³⁵ Como em (14) a seguir:

³⁵ Isso talvez não seja verdade para todos os casos em que o verbo latino se perdeu no tempo. Por exemplo, em *inocente*, a raiz √NOC- (do verbo *nocere* latino) aparece em *nocivo* e *inócuo*, adjetivos do português. O falante de cujo léxico essas palavras fazem parte não seria capaz de relacioná-las e descobrir a raiz compartilhada?



Em (14), *n* é fonologicamente nulo. Sob esse nó, na Estrutura Morfológica, um nó de vogal temática (OLTRA-MASSUET, 1999) é inserido, o qual será realizado pela vogal temática -e acima. Observe-se que no contexto nominal, a raiz ganha uma especificação de significado: “pessoa sob cuidados médicos; doente”. No contexto adjetivador abaixo, a raiz ganha outra especificação de significado: “resignado, tolerante, passivo, manso”.³⁶ Ambos os significados estão relacionadas à idéia de passividade, provavelmente a parte correspondente ao conteúdo semântico básico da raiz, que expressa um estado.



Um caso bastante interessante envolve o substantivo *corrente*. Referindo-se à água do mar que *corre* (corrente marinha), por exemplo, a palavra *corrente* tem, na proposta apresentada aqui, a estrutura (7) acima, sendo seu significado derivado do verbo *correr*. Mas não é o caso da *corrente* feita cadeias de metal, usada para, entre outras coisas, trancar portões e amarrar objetos pesados. Qual seria a composição deste significado? A primeira coisa que me ocorre, supondo a visibilidade da raiz do verbo *correr*

³⁶ Um aspecto interessante de ser discutido a respeito dos adjetivos não-verbais é a formação dos substantivos com a terminação *-(n)cia*: *clemência*, *competência*, *coerência*, *decência*, *inocência*, *paciência* etc. Se assumirmos que as raízes envolvidas são $\sqrt{\text{CLEMENT-}}$, $\sqrt{\text{COMPETENT-}}$, $\sqrt{\text{COERENT-}}$ etc., duas são as possibilidades de tratamento para os substantivos mencionados: (a) anexação direta do *nominalizador* à raiz; (b) o substantivo ser derivado de adjetivo – ou seja, anexação do *nominalizador* a um adjetivo. Assumindo (a), ficamos com dificuldade em relação a substantivos como *paciente*, que parecem, esses sim, substantivos derivados diretamente da raiz, com idiossincrasia de significado (MARANTZ, 2001). Assumindo (b) evitamos esse problema e explicamos a indiscutível herança de significado em relação ao adjetivo: *xncia* é a propriedade que aquele que é *xnte* tem. É preciso agora somente postular uma regra fonológica que converta a africada /tʃ/ na fricativa /s/ no contexto sintático proposto.

ainda nesse contexto, é que este significado é o resultado de uma negociação entre esta raiz, $\sqrt{\text{CORR-}}$, que denota um modo de movimento, e um nominalizador. O problema é que parece improvável qualquer relação de significado entre a palavra *corrente* (que denota uma entidade) e um modo de movimento. O que pode ter acontecido é que, em estágios pregressos da língua, a palavra *corrente* tivesse a estrutura (7) acima, denotando a coisa que *corre através de cadeias ou em torno de polias*. Perdida a relação com o verbo *correr* por alguma geração de falantes, uma nova negociação semântica foi feita a partir da raiz *CORRENT-*, que basicamente denota “entidade” e, nominalizada, ganha, na Enciclopédia, o significado de “cadeia de metal”, usada com certas finalidades que só ocasionalmente têm relação com a atividade de correr.

5 CONCLUSÕES

No latim as formas terminadas em *-ns*, *-ntis* pertenciam à classe dos adjetivos derivados de verbo. Do ponto de vista sintático-semântico, eram adjetivos que atribuíam às entidades modificadas por eles uma ação no tempo presente ou uma ação contemporânea à ação denotada por outro verbo. Ao contrário do particípio passado, essas formas participiais, rotuladas tradicionalmente de *particípio presente*, estavam associadas à voz ativa dos verbos de que derivavam.

Procurei mostrar neste trabalho, entre outras coisas, que as formas *-nte* do português, historicamente derivadas do particípio presente latino, preservaram muitas de suas características, ainda que, ao longo do tempo, seu “valor” nominal tenha crescido em relação a seu “valor” verbal. Na proposta aqui apresentada, /nt/ é um item que realiza o traço *imperfectivo* (que pode ser interpretado progressiva ou habitualmente, dependendo do contexto) somente nos ambientes nominais (adjetivo e substantivo). O mesmo traço pode ser realizado por /nd/ (marca de gerúndio) em outros ambientes, como o ambiente verbal.

Como era de se esperar, muitas palavras originalmente participiais no latim perderam essa característica, uma vez que seus verbos de base não mais faziam parte do léxico de gerações e gerações de falantes. Re-analisadas, seus significados se distanciaram dos significados (composicionais) originais, e o material fonológico associado à informação aspectual foi absorvido por novas raízes que, nesse processo, surgiram.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as formas *-nte* do português brasileiro usando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MD). Essa arquitetura, creio, é a mais adequada para o tipo de problema morfológico/sintático de que pretendo tratar aqui. Nesse texto, proponho que a peça /nt/ (um item do Vocabulário, nos termos da MD) realiza não morfemas de classe de palavra, mas, como no latim, um morfema aspectual (imperfectivo) dentro da estrutura dessas formas. Este item está presente tanto nos substantivos quanto nos adjetivos, tendo, possivelmente, alomorfes. No final deste artigo, proponho que, para a maioria dos adjetivos sem base verbal, a peça de vocabulário latina /nt/ foi re-analisada como parte da fonologia de novas raízes (derivadas diacronicamente de antigas raízes verbais do latim) que surgiram durante o desenvolvimento histórico do português, não tendo mais, nesses casos, nenhuma relação com morfemas de aspecto ou tempo verbal.

Palavras-chave: *particípio presente; Morfologia Distribuída; formas nominais/adjetivas.*

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze Brazilian Portuguese *nte*-forms, traditionally called present participles, in the framework of Distributed Morphology (DM). This framework, I believe, is the most proper for the sort of morphological/syntactical issue I address here. In this paper, I propose that the phonological piece /nt/ (a Vocabulary item in DM's terms) spells-out not category morphemes, but, as in Latin, an aspectual morpheme (imperfective) inside the structure of the *nte*-words. This piece is present both in *nte*-nouns and adjectives, having, possibly, allomorphs. In the end of the paper, I propose that, for most *nte*-adjectives and nouns with no verbal basis, the /nt/ Latin Vocabulary item has been absorbed by new roots (derived from ancient Latin "verbal" roots) which have appeared through the historical development of Portuguese, having, thus, in these cases, no connection with aspectual or tense morphemes any more.

Key-words: *present participles; Distributed Morphology; nominal/adjectival forms.*

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Stephen R. Inflection. In: HAMMOND, M.; NOOMAN, M. (Eds.). *Theoretical morphology: approaches in modern linguistics*. San Diego: Academic Press, 1988. p. 20-43.
- ARAD, Maya. On "little *v*". In: ARREGI, K. et al. (Eds.). *Papers on morphology and syntax, cycle one. MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, Cambridge, p. 1-25, 1999. MITWPL.
- _____. *Locality constraints on the interpretations of roots: the case of Hebrew denominal verbs*. Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public/>> Acesso em: 20 set. 2004. (2002)
- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham MA, Ginn and Co. Reprinted in CHOMSKY, Noam. *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague: Mouton, 1972.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge Mass: MIT Press, 1995.
- _____. New perspectives in the study of language. In: NOAM CHOMSKY NA UFRJ. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1997.
- _____. *Minimalist inquiries: the framework*. Cambridge, MA: MIT, ms., 1998.
- _____. *Derivation by phase*. MIT, 1999. Texto datilografado.
- _____. Beyond explanatory adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Cambridge, MA: MITWPL, 2001. v. 20.
- EMBICK, David. Features, syntax, and categories in the Latin perfect. *Linguistic Inquiry*, v. 31, p. 185-230, 2000.
- _____. *Blocking effects and analytic/synthetic alternations*. Disponível em: <www.ling.upenn.edu/~embick/ab.html> Acesso em 12 maio 2005.
- EMBICK, David; HALLE, Morris. On the status of *stems* in morphological theory. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~embick/stem.pdf>> Acesso em: 13 maio 2004.
- HALLE, Morris. Distributed morphology: impoverishment and fission.. In: BRUENING, Benjamin; KANG, Yoonjung; MCGINNIS, Martha. (Eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 30: Papers at the interface, Cambridge: MITWPL, 1997. p. 425-449.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. Jay. (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- _____. Some key features of distributed morphology. In: CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi (Eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 21: Papers on phonology and morphology. MITWPL, Cambridge, p. 275-288, 1994.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. (1999). State-of-the-article: distributed morphology. Disponível em: <<http://linguistics.arizona.edu/~hharley/PDFs/HarleyNoyerDM1999.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2003.
- IPPOLITO, Michela. On the Past Participle Morphology in Italian. *Papers on Morphology and Syntax, Cycle One*, ARREGI, K. et al. (Eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, Cambridge, MA, p. 111-137, 1999.
- LEVIN, B. Objecthood: an event structure perspective. *CLS 35*, v. 1, 1999.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, DIMITRIADIS, A.; SIEGEL L. et al. (Eds.). v. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, p. 201-225, 1997.

_____. *Morphology as Syntax*: paradigms and the ineffable, (the Incomprehensible and Unconstructable), 1999. Handout.

_____. (2001). *Words*. Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public/ALI/Handouts>> Acesso em: 20 set. 2004. Handout.

_____. (2003). Subjects and objects. Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public>>. Acesso em: 17 out. 2004. Handout.

MARVIN, Tatjana. *Topics in the stress and syntax of words*. Cambridge, 2002. Dissertation (Doctoral) - MIT.

MEDEIROS, Alessandro. *Sintaxe e semântica do particípio passado*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLTRA-MASSUET, Isabel. On the constituent structure of catalan verbs. Papers on Morphology and Syntax, Cycle One, ARREGI, K. et. al. (Eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33, Cambridge, MA, p. 279-322, 1999.